



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA – FACHTO

**ALBERTINO CRUZ VALENTE FILHO**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MORADORES PERANTE A FORMAÇÃO DA  
COMUNIDADE DO AJÓ, LOCALIZADA EM CAMETÁ-PARÁ.**

CAMETÁ -2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA – FACHTO

**ALBERTINO CRUZ VALENTE FILHO**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MORADORES PERANTE A FORMAÇÃO DA  
COMUNIDADE DO AJÓ, LOCALIZADA EM CAMETÁ-PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de História do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CAMETÁ – PARÁ- 2018

**ALBERTINO CRUZ VALENTE FILHO**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MORADORES PERANTE A FORMAÇÃO DA  
COMUNIDADE DO AJÓ, LOCALIZADA EM CAMETÁ-PARÁ**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Bárbara de Nazaré Pantoja Ribeiro  
Avaliadora

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Susana Braga de Souza  
Avaliadora

**CAMETÁ – PARÁ- 2018**

Dedico esse Trabalho aos meus pais, irmãos e ao meu filho, por todo incentivo dado a mim durante os anos do Curso de História.

Ao meu velho avô Jovino Valente (In memoria), que com sua história de vida, fez nascer em mim à vontade de eternizar na minha vida acadêmica, sua vida, sua coragem e luta por tempos melhores.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado saúde e forças para superar as dificuldades diárias.

A Universidade Federal do Pará- Campus Cametá, em nome do Coordenador, seu corpo docente, técnicos e administrativo que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, enviado pela acentuada confiança no mérito e ética aqui presente.

A minha orientadora Professora Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste, pelo suporte no tempo que estivemos empenhados na estruturação desta pesquisa com sua dedicação, dispôs tempo para correções e incentivos, pois mostra que com seu profissionalismo procura formar seus alunos para que sejam bons pesquisadores no futuro, sendo assim, deixo aqui eternizado a minha gratidão.

Aos meus pais, Maria do Carmo e Albertino Valente, pelo amor e apoio durante os meus quatro anos de faculdade me mantendo tanto financeiramente como moralmente, ao meu filho, Alan Vitor, que durante os momentos difíceis estava sempre me incentivando, com aquele singelo “vamos lá pai”, o que sempre me apoiou incondicionalmente.

Também, agradecer as pessoas que incentivaram, ativamente, durante toda a pesquisa, cito aqui uma delas, a minha querida Edinéia Rodrigues, grato por nunca me deixar desistir nos momentos de fraqueza e cansaço.

Agradecer também ao Professor Msc. Tunai Rehm pela amizade, apoio moral e pelas palavras de incentivo colocadas no momento certo.

E a todos os colegas de faculdade que compartilharam comigo os aprendizados em sala de aula, os levarei como amigos para toda a vida.

A todos o meu muito obrigado!

## RESUMO

O presente estudo foi centrado na Comunidade do Ajó, no município de Cametá-Pará, com objetivo de verificar, a partir de relatos orais e histórias de vida de moradores desta localidade, quais foram os acontecimentos responsáveis pela formação desta localidade. Assim como, apontar quais foram os momentos que mais marcaram as festas e devoções aos santos cultuados na época de formação da referida comunidade, na perspectiva de entender como se dava a veneração aos santos e como ocorria o pagamento das promessas, devido as graças recebidas. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo partiu de um levantamento bibliográfico acerca do tema proposto, e de autores que trabalham a temática estudada, tais como: FICHTER (1973), CLAVAL (1999), BOTTOMORE (1996), BAUMAN (2003), FUNES (1999), PRANDI (2002), ANTONACCI (2014), ZALUAR (1983), OLIVEIRA (1998). Acrescida a pesquisa de campo, que foi realizada entre os meses de outubro a dezembro de 2017, quando foram realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas com aplicação de questionário e gravação de áudios. Desta forma, o estudo constituiu-se de abordagem qualitativa a partir de coleta de informações com a história oral, por meio de entrevista com moradores da Comunidade de Ajó. Dados da pesquisa apontam que a formação da Comunidade do Ajó foi envolvida econômica e religiosamente com a presença de membros eclesiásticos, como: o Padre Geraldão e Padre Geraldinho citados nesta pesquisa, que auxiliaram os moradores em busca de sua fixação nesta localidade, assim como também adequando sua forma de culto para mais próximo do cristianismo. A adequação da religiosidade dos primeiros moradores mostra que o sincretismo está muito presente nos primeiros passos que foram dados para a formação e concretização desta localidade denominada hoje como Comunidade do Ajó. Com as entrevistas e conversas realizadas com moradores pode-se obter informação do início da formação desta comunidade com suas dificuldades e conquistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias, Memórias, Comunidade do Ajó - Cametá (PA)

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPITULO I. A CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE DO AJÓ NARRADA PELOS SEUS MORADORES.....</b>	<b>14</b>
1. 1. LOCALIZAÇÃO E EVIDENCIAS DE CONSTITUIÇÃO DA LOCALIDADE DE AJÓ, EM CAMETÁ/PA.....	14
1. 2. A COMUNIDADE DO AJÓ ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS ORAIS DE MORADORES.....	17
1.3. A INFLUENCIA SOCIOECONÔMICA E CULTURAIS NOS PRIMEIROS PASSOS PARA A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DO AJÓ.....	31
<b>CAPÍTULO II. AS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS, RELIGIOSAS E CULTURAIS ANTES E APÓS A CHEGADA DO CATOLICISMO OFICIAL NA COMUNIDADE DE AJÓ .....</b>	<b>33</b>
2.1. A RELIGIOSIDADE AFRICANA MESCLADA AO CATOLICISMO PRESENTE NA COMUNIDADE DO AJÓ.....	33
2.2. FESTEJO RELIGIOSO DE SANTA MARIA REALIZADO NA COMUNIDADE DO AJÓ.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....</b>	<b>46</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>47</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo foi centrado na Comunidade do Ajó, no município de Cametá-Pará, em que busca verificar, as histórias contada, a partir de relatos orais de moradores, acerca da formação desta localidade, e com o intuito de conhecer o modo de vida cultural e religioso da referida comunidade. Bem como, apontar os pontos marcantes que ocorrem nos momentos de cerimônias religiosas que perpassam pelo processo de formação desta localidade, nas suas festas religiosas e devoção aos santos padroeiros de seus festejos.

Com o desígnio de compreender e analisar as formas de culto religioso, e como ocorria seu processo de cultuar os santos, assim como também as ações de pedidos e oferendas direcionada ao pagamento de promessas ao santo de devoção, por uma graça alcançada feita pelo devoto ao necessitar de uma graça divina, durante a escrita desse trabalho procurou-se ouvir histórias e relatos orais de moradores que tem ligação direta e indiretamente com os primeiros formadores da comunidade.

O interesse em desenvolver a presente pesquisa originou-se das inquietações em conhecer o espaço e a formação da comunidade de Ajó, sua cultura e religiosidade que, na maioria das vezes, se confundem com as próprias histórias de vida de alguns habitantes do referido local.

Contudo, a intenção de continuar com a pesquisa deixou-me instigado a trabalhar o termo comunidade, no sentido de primeiramente tentar definir que é comunidade? mediante a forma categórica explicitada pelos habitantes da localidade de Ajó, esta é vista como um lugar onde as pessoas, ligadas por laços de parentesco e amizade, comungam de interesses comuns, vivencias históricas, culturais e religiosas.

Por outro lado, Fichter (1973) utilizando-se de conceitos sociológicos, afirma que comunidade é um conjunto de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, geralmente vivem no mesmo local, sob o mesmo governo ou compartilham do mesmo legado cultural e histórico. "É um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns." Pode ser configuradas também como comunidades virtuais, que são constituídas por pessoas com interesses e "objetivos semelhantes e ligações em comum, mas que se relacionam virtualmente,

viabilizado pelas tecnologias da Informação, a internet), como: blogs; fóruns; grupos de discussão; conversas on-line; sites que permitam a interação do usuário, como comentários” (FICHTER, 1973).

Segundo Claval (1999), o grupo que forma um conjunto de pessoas e que é capaz de estabelecer uma ligação que é composta de confiança e bom relacionamento entre seus membros, é o que define o que podemos chamar de comunidade, e esta pode-se definir por dois exemplo deste sentido de comunidade, a estas definições constituem-se a comunidade religiosa e comunidade de lugar. As duas definições apontadas apresentam-se nas formas de que a comunidade religiosa é direcionada a rituais religiosos onde os membros que a compõe são envolvidos em sentimento de fé e devoção religiosa a determinado símbolo de divindade devotada. Já no que diz respeito à comunidade de lugar é o definição que é comumente encontrada em nossa redondeza, onde os que compõe são relacionados por envolvimento de convivência comum entre os componentes deste grupo (CLAVAL, 1999).

Claval (1999) aponta em seus estudos o que também nos direciona ao conhecimento de fato o que é comunidade, mesmo que este termo não possua uma definição concreta, mas o grupo de pessoas que se relacionam de forma harmoniosa e com ajuda coletiva, assim como também apresenta as estruturas da comunidade estas estruturas percebemos no objeto de estudo exposto, a Comunidade do Ajó, que se apresenta com sua religiosidade visível, e sua formação como comunidade de lugar.

Para que o conceito de comunidade tenha a importância devida é necessário que levemos em conta os diversos setores a que está relacionado, sendo os principais deles o religioso e o intelectual. O setor religioso é responsável pelo fortalecimento espiritual dos membros, é o que une-se perante a um objeto devotado, na grande maioria das vezes este grupo está relacionado com a igreja, aos encontros deste grupo de pessoas para o culto religioso entre os fiéis que compões esta comunidade (CLAVAL 1999).

O fator intelectual refere-se aos momentos em que membros do grupo reúnem-se para conversas e troca de experiências. Portanto, entende-se o conceito de comunidade como uma sociedade que engloba os pontos de convivência e religiosidade para que os seus componentes estejam ligados e bem relacionados para uma boa convivência deste agrupamento humano

(TAVARES 2013). Principalmente, no que diz respeito à religiosidade que é um termo mais relevante deste estudo.

Pode-se descrever comunidade, segundo Bottomore (1996), que conceitua estas unidades sociais que podem ser desde as aldeias, vizinhanças, grupos étnicos, afinal, estas localizações não possuem uma demarcação concisa para ser conceituada diretamente. Ainda segundo o autor, comunidade pode ser entendida como um aglomerado de pessoas vivenciadas em um conjunto de habitações ocupantes de uma determinada área geográfica, que sendo limitada e que os membros convivem em senso de integração e cooperação independentes (BOTTOMORE, 1996).

Outras definições conceitual de comunidade, que é apresentada por Tavares (2013), diz que este grupo habitacional pode ser apresentado como envolvidos por parentesco, ou até mesmo a solidariedade, além de serem apresentados por viverem em vizinhanças. Desta forma, o conceito de comunidade que se expõe, representa um espaço de identidades composto por pessoas que se cooperam e integram um senso comum onde trabalham por interesse de todos e batalham para que os seus direitos sejam valorizados. Estes conjuntos convivem em parceria de troca, portanto, os habitantes lutam e trabalham para o benefício de todos.

Para Bauman (2003) o sentido de comunidade esta da seguinte forma: “Comunidade: tecida de compromisso de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis (...). E os compromissos do tipo “compartilhamento fraterno”, reafirmam o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras que são inseparáveis da vida individual. O apontamento do autor, nos direciona a forma de convívio dos membros que compõe a comunidade, pois este conjunto, como já foi abordado anteriormente, possui uma relação de cooperação mutua, mas que segundo o autor supra citado, favorecem uma interação de ética, onde este conjuntados compartilham saberes, a partir de suas obrigações, eles buscam se firmarem com segurança entre os membros desta comunidade.

Portanto, entende-se que comunidade é apresentada como conjunto de habitantes onde trabalham pelo favorecimento de todos, em que apresenta estilo de vida semelhante a todos, tornando assim a localidade uma propriedade de todos, em que todos são responsáveis pela sua manutenção, mesmo que um

determinado espaço seja ocupado por um membro, necessariamente, é pertencente ao grupo, ou seja, a terra de um membro pertence ao grupo, e estes são responsáveis por sua boa manutenção para benefício de todos (BAUMAN, 2003).

Partindo deste viés se faz necessário conhecer através deste estudo como se deu a formação da Comunidade de Ajó, que tem tamanha importância para o desenvolvimento da região, pois sua localização a 20 km do centro urbano de Cameté (NOGUEIRA, et al., 2011), sede do município, atualmente vem se interligando ao eixo urbano do município com as zonas rurais.

A metodologia que se utilizou para a construção deste estudo foi a partir de pesquisas em bibliografias que continham informações acerca do tema proposto, e de autores que apresentavam assuntos referentes à pesquisa, como: FICHTER (1973), CLAVAL (1999), BOTTOMORE (1996), BAUMAN (2003), FUNES (1999), PRANDI (2002), ANTONACCI (2014), ZALUAR (1983), OLIVEIRA (1998). Acrescida a pesquisa de campo, que teve o tempo de duração entre os meses de outubro a dezembro do ano de 2017, com realização de entrevista e conversas informais. Desta forma, o estudo tem sua elaboração com pesquisa qualitativa obtidas com coleta de dados e informações que fora atribuídas a este estudo, as quais foram coletadas com as histórias orais, que estão presentes nas entrevistas com moradores da Comunidade de Ajó.

Ao decorrer desta pesquisa, compreende-se a grande importância que há nas histórias orais, este recurso precioso que só se obtém a partir de conversas, estão expostos neste estudo estes relatos que os moradores entrevistados nos forneceram, nestas entrevistas damos a oportunidade destes moradores de rememoração de fatos que aconteceram em anos passados de sua vida e que marcaram sua memória e assim os acompanhará até o dia de sua partida deste mundo terreno.

Observando os relatos orais dos moradores da Comunidade do Ajó, percebemos que cada morador tem seu ponto de vista sobre o acontecimento pesquisado, a fundação da Comunidade do Ajó, os relatos são únicos e a cada história contada há uma emoção presente.

As falas que presenciamos/ouvimos mostraram que acontecimentos estão presentes na memória dos moradores, principalmente os mais antigos da comunidade. As fontes orais permitiu ter acessos a acontecimentos sociais,

religiosos e culturais que ainda estão vivos nas lembranças deste povo, os quais nos são dispostos com as histórias orais e relatos de memória.

A obtenção dos dados coletados com as histórias orais e relatos dos moradores mais antigos da comunidade, nos possibilitou o contato com as informações que promoveu um maior conhecimento da fundação da Comunidade do Ajó, quando se processou a observação e coleta de informações que contribuíram para obter dados que foram de grande importância para edificar e construir o diagnóstico.

Ao longo das entrevistas e com os relatos que foram extraídos das memórias dos moradores enquanto eles nos contavam as histórias orais, surgiu em nós a necessidade de recorrer a literaturas especializadas que pudessem melhor nos apoiar para pudéssemos fazer as análises das informações que estavam sendo apuradas com a oralidade desses entrevistados.

Por outro lado, as entrevistas realizadas com os moradores os permitiu expressar espontaneamente as suas memórias dos acontecimentos que ocorreram durante a formação da Comunidade do Ajó, assim como também suas histórias de vida, é o que vemos na fala de dona Rita da Cruz Valente, 75 anos, que diz: “minha idade já t avançada, mas ainda me alembro bem daquela época, as coisas ainda tá bem viva na minha cabeça”. Estas histórias orais nos presentearam com grande riqueza de informações para que posteriormente pudéssemos apurar este material em forma de análise.

Desta forma, contamos com a disponibilidade das pessoas para compor as entrevistas, onde foram entrevistados 04 moradores, estes tem contato direto com os acontecimentos que envolveram a formação da Comunidade do Ajó. Neste sentido, a estes moradores fizemos a seleção para que participassem da entrevista levando em consideração a ligação que tinham com os primeiros passos da formação da comunidade, sendo eles descendentes dos habitantes envolvidos diretamente com os acontecimentos históricos aos quais estavam sendo pesquisados e com a constituição histórica desta comunidade.

Ao coletar dados a partir de entrevistas com moradores, que estão envolvidos em laço de parentesco com os responsáveis nas primeiras instalações desta comunidade, verifica-se mediante relatos orais, que a instalação do lugar teve participação direta de membros eclesiais, a fim de dispersar o catolicismo, que era a religião de maior abrangência na época.

Contudo, o que mais chama atenção é a forma da prática religiosa dos habitantes de Ajó, que por ocasião do início da povoação, a maioria era analfabeta, mas realizavam suas ladainhas e seus festejos de forma estruturada e coletiva, que com passar dos anos vão se aprimorando e se moldando conforme o estilo de rezas da atualidade, devido a influência dos representantes do catolicismo.

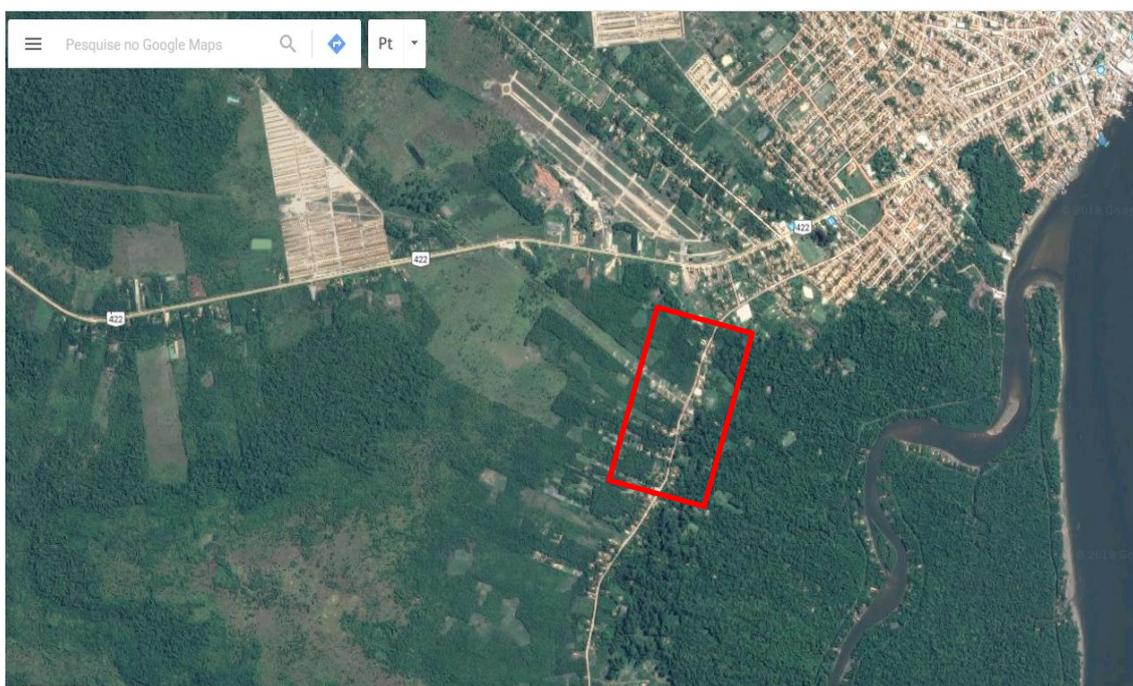
Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro, intitulado “A CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE DO AJÓ NARRADA PELOS SEUS MORADORES”, trata das histórias orais e relatos de memória que os moradores desta comunidade têm acerca da formação da Comunidade do Ajó, com suas histórias de vida, cultura e religiosidade. O segundo capítulo, intitulado AS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS, RELIGIOSAS E CULTURAIS ANTES E APÓS A CHEGADA DO CATOLICISMO OFICIAL NA COMUNIDADE DO AJÓ, discorre a respeito dos acontecimentos religiosos que nortearam a formação desta comunidade, com seu modo de culto e festas religiosas.

## CAPITULO I

# A CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE DO AJÓ NARRADA PELOS SEUS DE MORADORES

### 1.1. LOCALIZAÇÃO E EVIDENCIAS DE CONSTITUIÇÃO DA LOCALIDADE DE AJÓ, EM CAMETÁ/PA

Google Maps: Mapa de Cametá com a localização da Comunidade do Ajó.



Fonte: Imagens ©2018 CNES/ Airbus,Landsat/Copernicus, U.S. Geological. Dados do mapa ©2018 Google.

O Pará apresenta-se como o segundo estado brasileiro com maior extensão territorial. Entre as micros regiões do baixo Tocantins encontra-se o município de Cametá que banhado pelo rio Tocantins, diz-se que está localizado a margem esquerda deste rio, com uma população estimada de 134.100 habitantes, dados obtidos no ano de 2017 pelo IBGE (2017). Cametá possui áreas de terra firme, ilhas, várzeas e campos de natureza, seu principal eixo econômico é gerado encima do cultivo da mandioca onde se fabricam a farinha, além da pimenta do reino, o pescado e extrativismo do açaí, as relações comerciais dão-se com a área urbana com produtos da zona rural e ribeirinha (BASTOS et al., 2010).

A Comunidade do Ajó de acordo com as reminiscências dos moradores foi formada por pessoas vindas de comunidades vizinhas que se instalaram na comunidade em busca de melhores condições de vida. Tiveram auxílio da igreja católica para melhor se instalarem, com terrenos cedidos pelo segundo Padre para que mais famílias pudessem firmar moradia.

As terras são de propriedade atualmente dos moradores de acordo com um documento chamado “alvará de doação” expedido pela Prefeitura de Cametá, dando posse das terras doadas pela igreja católica a qual era proprietária da terra em nome do padre que acompanhou a formação da comunidade juntamente com os primeiros moradores.

Esse processo de doação só foi concluído anos após a formação e fundação da comunidade. Devido as constantes embargos do poder municipal em reaver as terras em estavam a anos em propriedade os moradores recorreram a Prelazia de Cametá, a qual os padres eram agregados, para que assim pudessem obter os títulos definitivo da terra em que se constituí a Comunidade do Ajó. Sendo assim, a então Prelazia de Cametá, hoje Diocese, em nome da igreja católica deferiu a doação das terras em definitivo aos moradores da localidade.

Com o título de proprietários da terra em mãos os membros da comunidade puderam então fazer uso devido das terras para seu melhor aproveitamento comunitário, podendo trabalhar para seus próprios sustentos.

A relação de trabalho e produção era dividida entre as famílias da comunidade, que era mantido pelos membros das famílias visando um bem comum de todos garantindo a sobrevivência das famílias.

Dentro dos processos históricos coletados com as entrevistas realizadas, obtivemos relatos do acesso para a comunidade que antes era feito pela estrada que se chamava “estrada da cabanagem” a qual também levava a localidade de Vacaria, essa estrada era de difícil acesso, pois a mesma era rodeada por mato matos, com a expansão da comunidade e a construção de várias residências, foi idealizada a nova estrada para escoamento do excedente de suas roças e também para locomoção dos moradores das comunidades vizinhas.

Apesar da proximidade com o eixo urbano, o acesso a comunidade do Ajó era de precária situação par o trafego, em primórdios de sua formação os moradores tinham como meios de transporte carroças levadas por bois, com o

passar do tempo foi-se mudando tanto a estrada quanto o tipo de transporte que os moradores usavam para terem acesso ao meio urbano. A estrada que fora construída visava o discurrer econômico da localidade, para que assim pudessem levar a os produtos agrícolas, como farinha de mandioca, frutos *sinribabos* (galinhas, patos, porcos) para trocar por produtos industrializados fornecidos pelas regiões urbanas e trazidos para esta região.

A forma de trabalho das famílias desta localidade, como também a maioria dos aglomerados rurais do município, era entorno da plantação de mandioca para a fabricação de farinha de mandioca. Este produto era a principal forma econômica das famílias, como moeda de troca, onde iam ao centro da cidade com a farinha já pronta a fim de troca-la por produtos industrializados que eram necessários para seus alimentação e higiene pessoal.

O trabalho das famílias na comunidade realizava-se, geralmente de segunda a sábado, aos domingos eles reuniam-se para ir ao culto cristão. Eles não se permitiam perder o domingo, dia de agradecer pela semana que tiveram, as bênçãos, assim como também pedir pela semana que está a iniciar.

Além da plantação de mandioca para a produção de farinha, os membros da comunidade fazem criação de animais, como galinhas, patos, perus, porcos, entre outros, que servem para seu consumo e também para vendas. Uma parte da produção e criação feita pelos membros da comunidade, são reservados para a festa em comemoração ao santo de devoção em agradecimento as graças alcançadas pela boa produção e saúde que os levam realizar o bom trabalho.

Esta forma de troca era uma das formas que sustentava a economia da época, os moradores das zonas rurais levavam seus produtos e trocavam por mercadorias na cidade. Assim, segundo relatos de moradores modificaram a estrada que adentrava as matas e era de difícil acesso, que dantes chamava-se “Estrada da Cabanagem” para o uma estrada que fora aberta em local de melhor a localização que hoje é chamada de “estrada do Ajó”, esta faz a ligação do meio urbano com o rural, e assim pode-se desenvolver gradativamente durante os anos esta região que é de tamanha importância para a economia da cidade.

## 1.2. A COMUNIDADE DA COMUNIDADE DO AJÓ ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS ORAIS DE MORADORES

A comunidade de Ajó situa-se na área rural de Cametá localizada a 20 km do centro urbano de Cametá, sendo assim denominada de comunidade rural, pois seus moradores ainda possuem vínculo de trabalho nas roças como os seus primeiros moradores assim o faziam. A origem da atual comunidade, a qual trata esta pesquisa e assim com também possibilitou o conhecimento de sua formação, remete a seguinte fato, segundo relatos de uma das moradoras e filha de um dos maiores arrendatário de terra da época depois de ter se transferido da beira do rio onde fazia morada como ribeirinho, veio com sua família a procura de melhores condições de vida e instalou-se nas terras onde hoje é conhecido como Ajó.

*É por meio da produção na terra que se dá a produção de pessoas. Com isso, a terra não é apenas terra, mas território, repleto de sentido e significado, responsável pela reprodução do grupo e representativo da coletividade (SILVA, 2010, p. 28).*

Seguindo a colocação de Silva (2010), apontamos que a formação da nova localidade norteia uma série de questões para a construção desta comunidade. O Sr. Atanásio Valente como era conhecido foi um dos precursores ou talvez o maior nome da inicialização da Comunidade do Ajó, como é conhecida, pois ao chegar a suas terras onde está localizada a comunidade trouxe consigo não só sua família e sim a velha tradição religiosa que seu pai o fazia em sua residência quando morava à beira do rio, local conhecido como riozinho, onde apresentavam uma religiosidade típica do lugar e procurou implanta-la no seu novo lugar de morada compartilhando-a com os outros moradores da comunidade.

Os moradores mais antigos eram devotos de Santa Maria, Santa a quem venerava e faziam os encontros religiosos em sua residência seu Atanásio Valente, já homem feito, assim como seu pai, Eupídio Contente, ao chegar às novas terras trouxe-a consigo esta herança religiosa e logo construiu um altar

para acomodar a imagem poder venerar a santa se sua devoção, essa imagem existe até os dias de hoje na residência de sua filha que ainda reside na localidade de Ájo.

Sr. Atanásio Valente e família, juntamente com o Padre Geraldinho



Fonte: Acervo familiar (Acervo familiar da família do Senhor Atanásio Valente).

O Sr. Atanásio Valente, precursor da formação da comunidade estudada, juntamente com alguns moradores da época faziam as celebrações e os festejos em homenagem a Santa Maria em sua própria residência todo mês de Maio, mês designado como mês Mariano pela Igreja Católica, que celebra a Assunção de Maria. Esse festejo acontecia com duração de todo o mês de maio e reunia pessoas vindas de todas as localidades vizinhas e redondezas que cercam a comunidade.

Podemos designar um dos pontos altos da “comunidade povo” seria justamente essa concentração de pessoas nessa festa religiosa que reunia famílias não só da comunidade como também da cidade, onde os devotos reuniam-se para fazer rezas e cantorias para louvar a Santa Maria.

Essa festa religiosa era planejada durante os meses anteriores ao mês de Maio, pois o festeiro, pessoas que era responsável pelos festejos do dia em que seriam organizados, assim chamados pelos populares da época, estes

recepçionavam seus convidados com um grande banquete oferecido aos que se faziam presentes na noite de reza, esses festejos começam ao amanhecer com os preparativos para recepcionar os convidados que viriam para as rezas noturnas, estes preparativos duravam todo o dia e entravam pela noite regada cantoria a muito samba de cacete e banguê, danças típicas da região do Baixo Tocantins, mais especificamente do Município de Cametá, região nordeste do Pará.

Dona Maria de Jesus Ferreira Valente relata que seu pai foi um dos percussores da formação da Comunidade do Ajó, conta que ainda era criança, mas tem lembranças desta época, das reuniões que ele realizava com os padres que vinham para auxiliar os membros da comunidade:

*“Eu tinha 07 anos de idade nessa época, eu era criança, mas eu já acompanhava e depois disso chegou o Padre, eram os padres que vieram da Holanda que aqui no Brasil não tinham muitos não, vinham mais Padres estrangeiros. Aí que eu não sei como o papai conheceu esses padres, nem através de que, nem como, sei que só daí que os padres vieram e viram que o papai tinha aquele começo lá da reza das famílias que se reuniam ele achou que já podia existir uma comunidade, plantar uma comunidade”. (Fala de MARIA DE JESUS FERREIRA VALENTE, 53 anos, 14/10/2017).*

Com as reuniões dos membros da comunidade, empenhados na formação da nova comunidade, e dos membros eclesiais, os padres, foi se dando celebrações e cultos a santos de devoção, e a estes dava-se o devido festejo religioso.

Esses festejos ficaram restritos a comunidade de Ajó, pois em outros locais vizinhos ainda não havia festas religiosas da forma como eram festejadas na localidade, a comunidade de Vacaria, local que também é ligada pela mesma estrada sendo uma comunidade vizinha, também incorporou em parte esses festejos religiosos por alguns moradores que cediam suas residências para esses encontros religiosos, ou seja, as experiências de ambas as comunidades se cruzam uma com a outra e compartilhavam da mesma raiz religiosa e procuravam expandir a sua devoção.

Ambas as comunidades estão engajadas no mesmo método de religiosidade e “comunidade povo” já que se formaram em meio a seu povo tendo uma origem popular e não outorgada por instituições, e sim para suprir a

necessidade religiosa de um povo que além de seu trabalho rural procura um sentido espiritual para sua vida.

A comunidade de Ajó não se auto identifica com uma comunidade Quilombola por, mas que existam marcas incontestes que remetam a uma comunidade negra rural, como a cultura do samba de cacete que eram inseridos nas festas e até o método de celebrações religiosas é o que afirma Joseane Silva, em seu artigo Comunidades Quilombolas, suas lutas, sonhos e Utopias.

*Assim, é possível afirmar que isso constitui-se elemento aglutinador no processo de preservação de uma identidade étnica, cuja ligação com o passado contribui para a manutenção de práticas sociais e culturais singulares em um espaço próprio onde prevalece o uso coletivo de bens materiais e imateriais que compõem um patrimônio simbólico, preservado pela memória também coletiva”.(SILVA, 2009, p. 5).*

Ou seja, essa cultura exercida nas festas remete uma forte presença negra em seu meio e essa carga cultural, mas perceptiva na comunidade de vacaria onde se originaram os grupos de samba de cacete e banguê da época que até hoje é presença forte na localidade.

*Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. [...] É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social. (HALBWACHS, 2006, p. 41 e 43)*

As recordações fazem de todas essas memórias históricas sobre a comunidade de Ajó e Vacaria que persistem ainda nos relatos contadas de pais para filhos tornando ainda vivo um passado que somente a memória nos trará a tona os meandros entendidos dessa formação de “comunidade povo”. Com essas memórias históricas podemos perceber no contar de histórias de vida de

moradores da comunidade que, de forma individual ou em conjunto, que todos sempre contando algo ligando a construção tanto de suas famílias quanto da comunidade povo ou cristã com a formação da Comunidade do Ajó.

Dessa forma, a os moradores da comunidade tinham um certo relacionamento de compadrio através das relações de parentesco que existiu e ainda existe entre alguns moradores fazendo que as poucas famílias que pertenciam a comunidade se relacionassem de forma harmoniosa entre si, buscando a boa convivência dos moradores deste local.

O contingente de moradores vai aumentando com a chegada dos missionários Holandeses e com as compras de terras locais por outras pessoas que começam a integrar a comunidade, mas o que persiste até hoje são as terras herdadas como herança ou compradas por populares.

Com o crescimento da comunidade povo a festa religiosa de Santa Maria teve que ser retirada da residência do Sr Atanásio, pois sua residência já não era grande o suficiente para acomodar os fiéis, então houve a construção do barracão da comunidade com ajuda dos moradores seu Atanásio começou a construção da comunidade que serviria para realizar os eventos festivos de Santa Maria.

Devido à falta de documentos não é possível ter uma precisão da data de formação da Comunidade do Ajó, mas os relatos dos moradores nos permitiram a apuração de que o anos que se iniciou o processo de formação foi por volta de 1970. Onde as vias que levavam ao ponto onde seria formada a comunidade eram de difícil acesso, tendo os moradores adentrar as matas para que pudessem chegar ao local escolhido.

Para melhor se locomover, os moradores abriram picos dentro da mata para derruba das grandes torras para tirar à madeira que serviria de aposte a construção do barracão, além de ajudar na extração da madeira seu Atanásio dou o terreno onde foi construída a primeira da capela.

Por mais que a comunidade de Ajo e Vacaria tenham sua a formação distintas uma das outras suas ideologias de “comunidade povo” pareçam ser as mesmas como uma comunidade de destino que se apoiam em ideias propostas por um ou mais idealizadores para haver uma internalização do povo nessa comunidade de vida onde todos irão fazer parte tanto direta como indiretamente.

A construção do barracão foi um dos baluartes da comunidade de Ajó que serviu de escola a todos os filhos dos membros da “comunidade povo” e de outras redondezas que por não possuir prédios escolares na época usavam os barracões das festividades para suprir as necessidades escolares de seus filhos e filhas, pois a estrada não dava condições para locomoção das crianças para o centro da cidade.

Através de conversas informais pode-se perceber que a comunidade de Ajó englobava a as áreas que hoje fazem parte da comunidade de Vacaria. A primeira escola formada na comunidade tinha como professora a Sr.<sup>a</sup> Maria Godinho que lecionava as primeiras sereis as crianças pequenas.

Mas para que a “comunidade povo” de Ajó se tornasse uma comunidade cristã seu Atanásio se empenhou junto ao Padre chamado Geraldão recém-chegado da Holanda em várias reuniões com alguns moradores para que chegassem a um consenso, onde as celebrações religiosas seguissem o padrão cristão e não mais as celebrações rusticas cantadas por homens e mulheres às chamadas celebrações cantadas.

Seu Atanásio o mais hábil dos idealizadores da comunidade, quando ocorriam essas reuniões anotava em papel todas reuniões por mas que fosse semianalfabeto tinha um grande desejo de escrever um livro e chegou a participar também da criação do sindicato dos trabalhadores de Cametá, e dentre essas cartas venho a citar uma das únicas que restaram em meu trabalho, pois o restante das cartas fora perdida em uma queima de papéis antigos por uma de suas filha. Uma carta que demonstra o quanto o povo da comunidade estava disposta a se engajar e construir uma comunidade cristã.

*Ele [o velho] não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, percorre seus velhos papéis, suas antigas cartas e, sobretudo, ele conta aquilo de que se lembra quando pese não ter fixado por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas daí não se segue que esteja em condição de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto. (HALBWACHS, 2006, p. 104).*

As histórias orais que nos relataram os moradores, tem muito a contribuir com o apontamento de Silva (2002) que diz que as principais informações sobre as reuniões que aconteceram, no início da formação da comunidade, foram relatadas em escritos, que se perderam com a deterioração pelo tempo,

felizmente um escrito pode ser encontrado sob os cuidados de Dona Maria, Filha do Sr. Atanásio Valente. Este escrito é apresentado da seguinte maneira (sua escrita foi fielmente preservada).

Em trecho de sua carta o Sr. Atanásio deixa bem explícito seu amor e alegria por tal feito:

*“Com grande poder i gloria, mais também meus Irmão alegramo-nós, porque com a união i força di vontade desta gente tudós nós estamos realizando os nossos sonhos que vinha-mos a muito tempos tal qual é a casa comunitária, i hoje todos nós cantado e celebrando juntos, quem fui que fês quem edificou, não sabeis? Fui aquele que nós estamos vendo que nós dar força coragem para fazer-mos com auxilio do vosso poder; agora mais uma vêz, vamos trabalha com vontade i com amor tudós unido para o nosso Bem para honra i gloria do Senhôr Amem Seja” (TRANSCRIÇÃO DE CARTA ESCRITA POR SR. ATANÁSIO VALENTE, EM 1974).*

Embora quase todo trabalho seja envolvido entre memórias dos mais antigos, nos detemos a estudar e compreender esse documento que remonta uma parte dessa história tanto da comunidade quanto do seu maior nome ou idealizador e tento ir ao encontro dessas lembranças e históricas usando como uma das fontes a oralidade para defrontar com tal documento.

A rememoração das situações vividas anteriormente deposita uma pertinência de sentido, uma análise daquilo que constituiu uma experiência de vida. Contudo Bosi (1973) relata que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”, desta forma abarcou-se desta afirmativa para centralizar as construções desta pesquisa, que mostram as experiências e acontecimentos vividos pelas pessoas a quais se deu as conversas informais, o que nos levou a um conhecimento, a partir das histórias orais sentir mais de perto o que é o trabalho de um historiador.

Desta forma Thompson (1992) lança mão da credibilidade dos relatos orais dos depoentes para que assim possa construir de forma simbólica dos acontecimentos vividos por eles.

*A história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles*

vivenciados e lembrados na imaginação. E parte da história, aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo –, pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu. (Thompson, 1992, p.41)

Carta do Sr. Atanásio Valente.

Dezembro de ~~1944~~ 1944

Meus irmãos e contempâneos, filhos desta terra de Rompado; intervier-me, enclosivel, com as autoridades eclesiasticas civil e militar. Com o Excm. Sr. Pedro Geraldo, e Senhores Presidentes Tesoureiros Secretários e Colegistas, desta comunidade, de Ayo; eu quem sou eu? <sup>peque</sup> miseravel Pecador, mais hoje mais mal vis que me acho presente quer <sup>deus</sup> minhas prova di amor, por este que ja mais esquecerei, por mais, que eu viva longe tan longe; mais durante eu ser vivo, nao posso deixar di omeargear, pesas e cantar todos juntos: este Jesus menino que pobresinho nasceu neste dia e o mesmo ja nossa vida e nossa luz; hoje meus irmãos e o maior dia para todos nos, dias di alegria assim sera tambem o dia em que este mesmo Jesus que vamos neste presépio vier jurgar os elitos, Com grande poder e gloria, mais tambem meus irmãos alegramo-nos, porque com a uniao e forza di vontade desta gente todos nos estamos realizando os nossos sonhos que vinha-nos a muito tempo tal qual e a casa Comontaria; e hoje todos nos cantando e celebrando juntos, quem fui qui fés quem edificou, não Sebeis? Fui aquele que nos estamos vendo que não da força coragem para fazer-mos com auxilio do vosso poder; agora vamos uma vez, vamos trabalhar com vontade e com amor. Todos unidos para o nosso Bem para honra e gloria do Senhor

Seja

Fonte: Acervo da Dona Maria de Jesus Ferreira Valente, filha do Sr. Atanásio Valente.

Os acontecimentos passados, além de estarem na memória e serem apresentados por relatos orais por pessoas que viveram o início da formação da Comunidade do Ajó. Também estão registrados em documento, mas infelizmente estas fontes documentais são poucas e deterioradas pelo tempo.

Está na única carta que restou dos escritos de seu Atanásio Valente onde ele expõe a sua alegria e da “comunidade povo” na realização do sonho de ter construído a casa comunitária, essa carta foi escrita depois da fundação da comunidade cristã.

Dona Maria filha de seu Atanásio em uma conversa informal sobre a história do começo da comunidade nos relata a ideia de como se ocorria às reuniões e encontros destes moradores.

*“E não foi um dia não, foi vários dias, meses que ele se reuniam pra conversar, por que as coisas naquele tempo pra começar não eram fácil, as pessoas não sabiam quase nem ler praticamente eram analfabetas, só estudavam aquele pouquinho pra aprender a assinar o nome e pronto, paravam. Aí foi difícil começar essa comunidade, o padre conversava muito com o papai, o Padre Geraldão, ele vinha, dormia lá, passava o dia em casa conversando, orientando, eles iam pro igarapé pescar, nessa época o igarapé do Ajó era grande ele gostou muito, ia tomar banho. Ai foi orientando o papai como formar uma comunidade, e o papai ia na reza que tinha em casa e já ia passando pro pessoal orientando, ate foi, que um dia eles começaram a celebrar já diferente, não era aquela reza cantada mais, já era celebração, ele trouxe os livros, e a primeira pessoa que teve coragem de ler a bíblia foi o professor Alberto, porque não tinha que lê-se, e o professor Alberto como já tinha um estudo mais adiantado, já era professor leu pela primeira vez, aí o padre dava aquele livro “Deus conosco”, que era o nome do livro e eles faziam a celebração já do culto.” (Fala de MARIA DE JESUS FERREIRA VALENTE, 53 anos, 14/10/2017)*

Uma das dificuldades dos moradores seria o pouco estudo dos mais velhos que sobre a orientação de uma pessoa instruída no caso o padre Geraldão, a introdução religiosa cristã foi bem aceita pelos moradores, pois de certa forma já exerciam seus papéis de cristão antes da chegada dos ritos institucionais da igreja católica.

A chegada do Padre Geraldinho viria a melhorar a situação dos trabalhadores não só da Comunidade de Ajó como também da redondeza em geral, Padre Geraldinho ao chegar a Cameté comprou grandes porções de terras

nos interiores, e uma das grandes extensões de terras encontrava-se na Comunidade de Ajó.

A compra dessas terras seria para o plantio de pimenta do reino para esses meios à pimenta não era comercializada, o Padre trouxe essa ideia de introduzir a pimenta de Tomé-Açú não só a pimenta o cacau também. Chegando a comunidade começou a ajudar com trabalho alguns moradores como Dona Maria nos relata.

*“O Geraldão veio com essa proposta de formar comunidade e o padre Geraldinho veio com a proposta do trabalho, foi quem trouxe a pimenta do reino pra cá, que aqui ninguém tinha, sabia que existia em tome-açu, mas pra cá pra Cametá acho que foi o Padre Geraldinho, o cacau foi ele que veio com esse projeto de plantar pimenta, cacau ai ele conversou com o papai que ate gerenciou o trabalho dele lá, e o pessoal tudo daqui trabalhava lá e nisso já que tinha comunidade e já foi evoluindo com o trabalho e comunidade, ele ajudou muita gente o Padre Geraldinho, ele comprava terra e dava pra quem não tinha ajudava a plantar a fazer pimental, o Tio Ivo, Otaviano, todos foram ajudados por ele com pimental e terra, esse terreno do Ajó era imenso era da finada minha avó querendo o marido morreu ela dividiu com os filhos quem não tinham terreno vendiam, o padre comprava e já dava para outras pessoas que não tinha como o Mariano o Zé Maria e muita outras famílias que entraram e não tinham terra o padre ia comprando e dando pra essa famílias com o aqui do finado Benedito Ferreira o terreno dele foi vendido primeiro para o pessoal do Panchito e eles que venderam pra essa família do tio Pedro que moram aí, um ia vendendo pro outro e ate hoje acontece isso” (Fala de MARIA DE JESUS FERREIRA VALENTE, 53 anos, 14/10/2017)*

Essa expansão da comunidade povo se deu tanto pelo meio religioso quanto pelo trabalho ou capitalismo já que o trabalhador vende sua força de trabalho para garantir o meio de sustento a sua família. O trabalho dos moradores em cuidado com as terras que pertenciam à igreja resultou na recompensa que o padre ofereceu para os moradores da localidade que não tinham onde morar, como forma de ajudar aqueles que estavam vindo de outros lugares para fixar moradia em busca de melhoria de vida para suas famílias.

Para Funes (2015), a troca de trabalho em troca de terra pela igreja com os então moradores da comunidade é uma forma de ajudar os que não podem obter suas terras ao custo que os latifundiários pedem, pois estão ainda se localizando para que possam formar moradia. Desta forma, a igreja que procura ajudar seus agregados, fez com os moradores que estavam formando a

Comunidade do Ajó, eles não tinha moradia, então forneceram a eles terras que pudessem tratar e com o tempo foi-se sendo oficialmente donos de suas propriedades.

*Na atualidade, vivem-se momentos em que confrontam duas concepções de valor de terra: terra de trabalho, sentimento de nosso, versus terras de negócio, especulação fundiária, implicando novas formas de organização e de enfrentamento por aqueles que se sentem ameaçados pelo “de fora” (FUNES, 2015, p. 36).*

Morados da comunidade cuidando da plantação de pimenta-do-reino



Fonte: Acervo familiar de Dona Maria de Jesus Ferreira Valente.

Com essa venda de terras por parte dos donos a comunidade e os limites do Ajó se expandiram e assim começou as divisões entre Ajó e Vacaria antes era dividido por sítios e com o crescimento dos moradores e casas a comunidade de Ajó se estendeu até os limites onde antes era conhecido com sitio Santa Rita, próximo a residência do Sr. Chiquito, onde começa a área da Vacaria. Segundo Dona Maria:

*“O Ajó que eles consideravam, onde tem o campo, mas o terreno mesmo que pertence ao Ajó vem desde lá, onde tem a construção*

*que dizem ser um motel, que é o terreno do tio Pedro, lá é a divisa, o terreno onde o Maromba mora já é o Marco Cardoso, o Ajó vai ate a divisa com Castanhal onde fica o Marciano, onde fica a igreja agora lá já é Castanhal. Agora tudo é considerado Ajó desde Chiquito pra cá é Ajo, do Chiquito pra lá é Vacaria, no que eles fizeram por comunidade tirou o setor, que chamavam Santa Rita e outros pequenos setores e ficou só uma comunidade o Ajó.”* (Fala de MARIA DE JESUS FERREIRA VALENTE, 53 anos, 14/10/2017)

Os sítios que antes faziam parte da comunidade todos tinham nome de santos alguns sítios celebravam os seus próprios santos, o modo cantado de celebrar ainda persistiu por algum tempo mas logo foi perdendo a força para as celebrações organizadas, e as pessoas que as faziam foram abandonando o antigo para se enquadrarem no novo segundo Dona Maria de Jesus Ferreira Valente.

*“Com a chegada dos padres que vieram trazendo a comunidade essas rezas elas continuavam só que depois foi tirando essas rezas gritadas como era antigamente cantada ai já foi ficando só as celebrações, tem as festividades dos Santos mas é só as celebrações não é mais aquela reza que foi acabando sendo extinta ate as pessoas que cantavam essa reza não se faz mais, ao novos ninguém sabe mais nem viram nem chegaram a ver, eu ainda chegues ver e ate cantar essas rezas, estava no meio das senhoras que sabias e eu ia aprendendo, , mas com a chegada das comunidades isso foi tirado a a gente se apegou nesse tipo de celebração como tá hoje seguindo as regras da igreja.”* (Fala de MARIA DE JESUS FERREIRA VALENTE, 53 anos, 14/10/2017)

A comunidade seria de Ajó seria a referência para outras comunidades da redondeza que aderiu o Menino Jesus como seu padroeiro, mas nos meses de Maio ainda acontecem às novenas em Honra a Santa Maria, a primeira missa a ser feita na comunidade de Ajó teve que ser campal, pois o aglomerado de devotos que participaram foi muito grande não conseguindo aguentar no interior do barracão como nos conta Dona Maria de Jesus Ferreira Valente:

*”A vacaria Aricura tudo só era aqui no Ajó, participavam só aqui, aí então a casa, o barracão já não aguentava, era tanta gente que uma vez teve uma missa campal no campo, um batizado que teve tanta gente que não aguentou dento do barracão, o pessoal fizeram estiva nesse caminho que vai pro “pussão” com miritizeiro naquela época, limpavam e faziam estiva pra eles andarem, chamavam estrada da Cabanagem. Aqui era o centro. Tudo que funcionava era em casa, porque não foi nem um dia nem um ano pra construir o barracão, pois naquele tempo era difícil, agora*

*ainda é, imagina naquela época, então meu pai doou aquele pedaço pra fazer o barracão e o pessoal com a união iam pro mato tirar madeira, com aquele serrote antigo, única ferramenta que tinham. Então foi feito o barracão, que não sei nem quanto tempo levou, antes disso as celebrações, as missas ia acontecendo em casa, batizado primeira eucaristia. O papai mandou fazer a casa grande, uma sala grande para acolher o pessoal enquanto estava em construção, depois que aprontou justamente a inauguração já foi com a missa do Natal que era celebrado o menino Jesus, o nascimento do menino Jesus, e como foi inaugurado com esta missa ai passou a ser o padroeiro o Menino Jesus, mas a nossa Senhora ficou sendo sempre venerada no mês mariano como é ate hoje e não perdeu a devoção porque a comunidade ate hoje reza as novenas do mês mariano. Quando a comunidade passou pra cá quiseram tirar as rezas do mês todo, queriam fazer só uma quinzena, mas o pessoal não quis.” (Fala de MARIA DE JESUS FERREIRA VALENTE, 53 anos, 14/10/2017)*

As casas onde se realizavam esses festejos possuíam uma sala bastante grande onde poderia acomodar vários devotos, assim eram feitas as casas dos festeiros essa tradição foi perdendo força para as comunidades cristã todos se adaptavam as novas organizações cristã da época e acabaram perdendo alguns traços culturais que construídos em suas infâncias, hoje em dia nas comunidades de Ajó e Vacaria pouco encontramos dos antigos traços culturais que existiam antigamente, um dos meios culturais que ainda persistem até hoje é o chamado samba de cacete e o cordão do boi da Vacaria que ainda persiste com os mais velhos moradores da comunidade de Vacaria.

Com o aglomerado de fiéis na comunidade de Ajó existiu a necessidade de construir outras comunidades em locais da redondeza como Aricurá e Vacaria Sr. Ivo Marques da Cruz, 72 anos, nos contou como aconteceu.

*“Isso ficava aqui com suas famílias. Quando aconteceu que a comunidade aqui do Ajó já estava muito grande e o barracão já nem aguentava mais, pois vinha gente do Aricurá ate da beira da costa vinha pra cá porque não tinha comunidade pra lá, então já achavam uma necessidade grande através das dificuldade de chegar pra cá, de formar uma comunidade lá no Aricurá, uma aqui na vacaria, porque já tinha mais gente lá e ia evoluindo, os filhos casando iam fazendo família e aumentou a população, resolveram dividir e que morava no Aricurá participava lá e vacaria o mesmo, e do Ajó aqui no Ajó e formaram três comunidades, mas o centro é o Ajó. Em qualquer celebração eles falam que a mãe é o Ajó, a comunidade mãe. Porque foi daí que saiu as outras comunidades.” (Fala de IVO MARQUES DA CRUZ, 72 anos, 14/10/2017)*

Em setembro de 1974 seu Atanásio reunido com algumas lideranças da comunidade demonstra todo seu amor por alguém católico convicto e amor por estar realizando o sonho da “comunidade povo” e o seu, estando iniciando a comunidade à construção da casa comunitária que viria a ajudar nas celebrações religiosas.

A primeira proposta de juntar o povo partiu do Padre Geraldão que reuniu o povo fazendo experiências com o povo para tentar para ver se era isso que o povo queria vários meses de reuniões com os moradores, pois os moradores não sabiam o que seria uma comunidade, visto como só sabiam rezar e celebrar do modo antigo aprendido com seus avós e pais. Alguns moradores mais antigos que fizeram parte da construção da comunidade ainda vivem para contar como aconteceu essa união entre as celebrações antigas e os ritos cristãos que até hoje fazem parte das celebrações.

Mas como toda comunidade povo que se se expande em decorrência da religião ela sempre terá que se adaptarem ao novo às novas tendências dos tempos modernos mesmo tendo que renegar algum aspecto cultural ou tradicional e até mesmo incorporando esse tradicional ao novo, a comunidade cristã cria de certo modo cria valores sociais no povo de qualquer comunidade para que trabalhem em prol tanto da comunidade cristã quanto da “comunidade povo” assim havendo uma troca mútua, os moradores constroem comunidades e a igreja o ajuda na sua formação mental enquanto pessoa.

Essa formação mental para com os primeiros moradores da comunidade de Ajó se dava através em um primeiro momento, com as reuniões feitas com o Padre Geraldão e suas orientações para o povo da comunidade que se fazendo filhos e filhas de Deus tiveram que se inteirar ao projeto comunidade cristã, o trabalho que foi desenvolvido pelo Padre Geraldinho seria uma forma de adequar os moradores a esse papel de responsabilidade comunitária onde essa nova estrutura cristã seria organizada de modo a fortalecer o meio social da comunidade.

A comunidade teve um crescimento significativo com no auge da pimenta-do-reino introduzida como bem informamos pelo padre Geraldinho que empregou vários trabalhadores da comunidade que como forma de pagamento pelos seus trabalhos os beneficiava doando terras a seus trabalhadores, como relatado depois da morte de Padre Geraldinho as terras que ainda eram suas

foram resgatadas pela igreja Católica que dividiu em partes iguais e doou a algumas famílias com documentos legalizados pela Prefeitura de Cametá chamado de “Alvara de Doação”.

Essa obtenção de terras pelos moradores da comunidade de Ajó se deu e ainda se dar pela herança e uma pequena parte por compra, mesmo com a compra de terras por terceiros a maior parte das terras obtidas pelos moradores da comunidade se deu dentro da comunidade, no período onde a comunidade se firmou como tal. O modelo de comunidade criada pelos primeiros moradores de Ajó caracteriza-se pelo modo de vivências compartilhadas entre si para forma uma história que viria a ser comum para todos os moradores.

### 1.3. A INFLUENCIA SOCIOECONÔMICA E CULTURAIS NOS PRIMEIROS PASSOS PARA A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DO AJÓ

Pesquisas voltadas a habitação e povoados destinou uma significativa e importante informação que na região norte possui a maior população ribeirinha do país onde o principal meio de sobrevivência é a pesca. No entanto a modernidade reage com a implantação de usinas hidrelétricas, o que dificulta a pesca e apresenta a escassez do pescado no meio que é maior forma da economia e sustento dos ribeirinhos nessas de atividades de pesca em massa.

Com o molde de vida abalado e a forma de ganhar sustento os ribeirinhos liderados por seu patriarca a quem cabe o poder de decisão e escolhas são obrigados a desloca-se de sua localidade para outra a fim de melhores condições de vida, assim como também fornecer uma melhor educação para os filhos, pois a contemporaneidade mostra que essa é a melhor saída para um molde de vida diferente do que estes ribeirinhos levam como reles pescadores.

Para uma melhoria de vida o patriarca das famílias traz os seus para as proximidades da vida urbana, porem com o pouco que possuem não chegam a fixar moradia nas cidades, dessa forma implantam moradia na parte rural. Sendo assim a noticia de um lugar já fixado para sua moradia, os futuros moradores foram se chegando com o restante de seus familiares o que já designa um vilarejo.

A migração das famílias residentes as margens dos rios para as proximidades da vida urbana, no entanto ainda isolados dos centros urbanos e com difícil acesso revelam dessa forma a grande dificuldade a sistemas públicos de saúde, fazendo com que estas busquem em plantas medicinais a formalização de sua cultura buscando suprir suas necessidades.

As famílias também exploram outras formas de sobrevivência e sustento com trabalhos rurais o mais comum nessas regiões do norte do país é a plantação de maniva o que fornece a produção da farinha sendo este o principal meio de economia desses moradores agora então rurais.

Nossos estudos chegam à concepção de Durham (2004):

*A ocorrência das famílias extensas, tão comuns em comunidades camponesas, parece estar associada à necessidade de conservação de propriedades economicamente suficientes, quando o solo é valioso ou escasso. (DURHAM, 2004, p. 145).*

Neste sentido a formação desta nova comunidade tem a simbologia marcada pela necessidade econômica dos moradores, o que aponta Durhan (2004), na citação acima exposta. Onde a participação da comunidade tem fundamental importância no desenvolvimento de sua localidade organizando-se em associações de produtores rurais de base familiar, para que assim possam desenvolver suas atividades e valer-se de incentivos econômicos para engajar o desenvolvimento da comunidade.

Portanto, entende-se que as questões socioeconômicas são de grande influência para que uma sociedade se mantenha, desde a sua formação em diante. Neste ponto a formação da comunidade do Ajó põe-se evidente necessidade de manutenção de suas economias com vendas e trocas de suas plantações e criações e assim conseguir manter-se estruturadas pensando sempre no coletivo.

## **CAPITULO II**

### **AS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS, RELIGIOSAS E CULTURAIS ANTES E APÓS A CHEGADA DO CATOLICISMO OFICIAL NA COMUNIDADE DE AJÓ**

#### **2.1. A RELIGIOSIDADE AFRICANA MESCLADA AO CATOLICISMO PRESENTE NA COMUNIDADE DO AJÓ**

Entre os aspectos mais relevantes da cultura religiosa da humanidade a questão do pluralismo religioso e uma das mais importantes, pois o que aproxima homens e mulheres do sagrado e explicado como sincretismo. Este fenômeno define-se como a fusão de doutrinas diferentes, ou seja, é um movimento de misturas de elementos de diferentes credos.

O sincretismo pode ser bastante observado na cultura do povo brasileiro, principalmente nas comunidades rurais onde agregam o catolicismo com a simbologia da cultura africana trazida pelos negros na época da escravatura (REESINK, 2000, p.33),

Pode-se dizer então que o sincretismo foi muito importante para a construção da identidade cultural e religiosa de um povo, esta identidade vai se construindo dia após dia com o pluralismo religioso que são abordados na cultuação de um sagrado.

Com a mescla de crenças católicas e africanas, apresentam o sagrado das religiões afro, com os Orixás correspondentes a um santo católico, dessa forma os negros puderam manter sua cultura agregada às tradições religiosas predominantes, é o que escreve Reginaldo Prandi (2003).

*Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros no Brasil que cultuavam as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, freqüentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o*

*advento da República, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial. (PRANDI, 2003. p. 01)*

É necessário abordar que as condições históricas permitiram a implantação das tendências sincréticas, já que as religiões de matrizes africanas eram abertas a novidades o que agradou o catolicismo, eles valorizaram esse processo, como discorre Favero (s/d).

*As populações negras trazidas ao Brasil pertenciam a diferentes civilizações e provinham das mais variadas regiões africanas. Suas religiões eram partes de estruturas familiares, organizadas socialmente ou ecologicamente a meios biogeográficos. Com o tráfico negreiro, sentiram-se obrigadas a decifrar um novo tipo de sociedade, baseada na família patriarcal, latifundiária e em regime de castas étnicas (sistemas tradicionais, hereditários ou sociais de estratificação, baseados em classificações como raça, cultura, ocupação profissional. O termo também é usado para designar “cor”. (FAVERO, s/d. p. 04).*

Portanto, o catolicismo procurou se colocar acima das outras religiões, mesmo que ainda utilize em seus cultos símbolos que lembrem a cultura religiosa africana, esta afirmativa colocada por Prandi (2003), em que diz que os negros passaram cultuar os ritos católicos, era indispensável que eles se moldassem ao catolicismo, que seguisse ao catolicismo, pois segundo a República isso precisava ser feito já que estavam vivendo no Brasil, fazendo-os abdicar de sua cultura natal. O que também nos aponta Favero (s/d) dizendo em seus estudos que as religiões eram mantidas a meios biogeográficos.

Nas comunidades rurais que eram recém implantadas, percebeu-se a grande prática do sincretismo, pois como não tinham locais para cultuar seus santos, normalmente o espaço reservado era nas casas, este culto domésticos eram representados por um pequeno oratório, onde as pessoas realizavam de forma simples o culto ao santo e com cantorias trazidas por seus descendentes, os quais tinham raízes africanas.

Os traços da cultura religiosa africana presente no culto do sagrado na Comunidade de Ajó no início de sua formação estão presentes em festas e celebrações que neste momento é descrito por Antonacci (2014) que aponta para o entendimento das memórias culturais africanas na cultura brasileira, que preponderam no sentido a pensarmos em culturas, junção de elementos trazidos pelos africanos ao nosso país com adaptações a religiosidade local.

Na Comunidade do Ajó observamos traços africanos em sua religiosidade, o que faz parte de sua cultura, onde juntamente com o catolicismo tornam essa comunidade com uma identidade própria, e esta cultura é a que encontramos na cultura brasileira, a mesclagem de várias religiosidades que formam uma.

Os elementos caracterizadores que direcionam ao sincretismo presentes nesta nova comunidade estão na cantoria, nas orações nos instrumentos utilizados para a musicalidade, enfim a junção com a forma de oração do catolicismo adaptados a cultura negra em seus contextos locais. Nisto encontramos em Sansone (2002, p. 267), que melhor conclui esta afirmação.

*Os objetos, a língua e o ritmo musical são definidos como africanos, não através de uma pesquisa cuidadosa, que ainda é rara, e sim, muitas vezes, por uma associação superficial, por semelhança ou por observação. “Parecer africano” ou “soar como africano” é, na verdade, o que torna algo “africano” (SANSONE, 2002, p. 267).*

Onde o catolicismo popular tradicional, por sua vez, apresenta o elemento de vivência popular, é o Santo, sendo que muitos destas divindades têm relevância aos santos cultuados pela cultura negra, porém sendo adaptados ao catolicismo. Estas modificações foram necessárias para que fossem mais bem devotadas, pois qualquer ato africano que pudesse parecer africano tornaria uma cultura africana, então não seria bem aceita pela sociedade. Portanto, foi-se moldando a forma de culto para que respeitasse aos preceitos do catolicismo.

A cultuação deste sagrado vai além da noção imposta pela igreja, os santos segundo ao catolicismo, são pessoas que estão junto a Deus habitando no céu, possuindo poderes sobre naturais que para a cultura popular é capaz de ouvir as necessidades das pessoas que buscam resolução aos seus problemas (PASSOS, 2002). Desta forma a devoção que é a relação do fiel e o santo a que devota sua Fe na forma de agradecimento ao milagre alcançado, levam a imagem a ter o lugar que possam evidenciar o culto, o altar, que neste momento era posto na residência de uma família, a qual cedia seu espaço para os encontros religiosos.

A devoção aos santos era e continua sendo a relação de troca entre o devoto e a divindade a qual direciona o agradecimento de domínio popular que são evocados para amparar em diversos momentos de necessidade pessoal:

*No parto, no batismo, no casamento, na doença e na morte –, ocasiões em que a pessoa atravessava um período de transição de um estado socialmente definido para outro, durante o qual deixava de operar o controle da sociedade. Ao estabelecer essas fases “liminares” como áreas sob o controle dos santos, tentava-se ordenar a experiência dentro delas (ZALUAR, 1983, p. 91).*

Estes cultos dos santos que na comunidade apresentam-se como cultos domésticos são simples possuindo traços de oração na forma de cantoria, designada de ladainhas, onde o altar é ornado com flores e velas ao redor da imagem a que devotam a sua fé. Na comunidade de Ajó a cultuação religiosa era apresentada pelos devotos a Santa Maria, que estava colocada para o culto doméstico na casa do Senhor Atanásio. Ali a imagem era ornamentada com fitas e flores coloridas para o momento do louvor ou oração.

Dia de culto na casa do Sr. Atanásio Valente, local onde ficava o altar de Santa Maria Venerada pela comunidade.



Fonte: Acervo familiar de Dona Maria de Jesus Ferreira Valente (filha do Sr. Atanásio Valente)

A relação do devoto com o santo de devoção está na ocasião das promessas feitas pelos devotos, para obter ajuda em um problema tido por ele, e que pede solução e ajuda ao santo para resolver, para isto o devoto tem a obrigação de pagar o que foi oferecido. Nisto aponta Zaluar (1983).

*Os deveres com o santo, especialmente o pagamento de promessas feitas para obter sua proteção em caso de doença, continuavam a valer mesmo coma morte do indivíduo que fez a promessa, sendo que parentes próximos deviam retomá-las. O descanso de sua alma dependia do cumprimento de suas promessas não-pagas pelos que lhes estavam próximos neste mundo. (ZALUAR, 1983, p. 85).*

Para os devotos a graça alcançada tem forma de pagamento variado a cada devoto, que acreditam que quanto mais difícil o pedido mais terá que ser o sacrifício, pagamento a ser prestado pelo devoto.

O culto religioso manifestado na Comunidade do Ajó requer trabalho de todos os membros da comunidade, como sendo uma forma de pagamento por graças alcançadas. Os festejos religiosos devotados a Santa Maria na Comunidade do Ajó embate com as colocações de Zaluar (1983), que aponta as devoções como forma de agradecimentos as graças recebidas feita em pedido.

No momento do culto colocam-se as orações que segundo Cascudo (1985), distingue-se em dois tipos de orações: familiares e tradicionais. As familiares apresenta-se Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e Credo. Já os tradicionais são de uso comum que são destinados ao pedido de proteção à divindade. As orações devem ser tomadas no momento de louvor, pela presença do “puxador”, que inicia reza para que seja acompanhada em coro pelos devotos presentes. Oliveira (1998) faz a observação de que os encarregados de animar o culto são os rezadores, sendo pessoas que se encarregam da cantoria fazendo a musicalidade com as respostas em coro de homens e mulheres presentes na reza. Na comunidade de Ajó, os devotos eram leigos e analfabetos, mas que assumiam o papel de puxadores para que a orações em que apresentavam-se como os mais entendedores da religiosidade daqueles cultos.

Os novos ritos católicos implantados pelos padres no culto religioso da comunidade.



Fonte: Acervo familiar de Dona Maria de Jesus Ferreira Valente.

Com o passar do tempo fez-se necessário à presença da comunidade eclesial, pois os padres diziam que eles precisavam se aprofundar nas formas de orações já que não havia um membro eclesial que fosse melhor entendedor dos momentos de louvor e cultos mais contritos a oração. Como os membros da comunidade eram analfabetos a presença do representante da igreja foi de suma importância para a leitura dos livros sagrados, a bíblia.

Neste momento ocorreu a vinda do padre Geraldão que melhor aprofundou a forma de culto com mais orações e menos cantorias adaptando assim os costumes religiosos antigos da comunidade para os cultos oficiais católicos. Trabalhe com imagens.

## 2.2. FESTEJO RELIGIOSO DE SANTA MARIA REALIZADO NA COMUNIDADE DO AJÓ

Templo da Comunidade religiosa da Comunidade do Ajó, nos dias atuais.



Fonte: Registro de Albetino Cruz Valente Filho, em 15/04/2018.

A tradição e religiosidade marcam os festejos na Comunidade do Ajó e o conhecimento acontecimento destes festejos religiosos é uma experiência bastante rica para a composição deste estudo. Este evento que tem a festividade de Santa Maria é de grande importância para a devoção deste povo, que aguarda 12 meses para festejar novamente, isto se define nas colocações de Itani (2003) que diz “uma ação de simbolização, na qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira” (ITANI, 2003, p. 13), a isto dizemos que estes festejos não tem apenas valor religioso, mas também cultural, com todos os seus significados e simbologias para os membros desta comunidade.

Para este apontamento fez-se a entrevista com a Senhora Dona Rita e o Senhor Albertino Valente (Bilha), mãe e filho do seu Jovino Valente que foi um dos principais organizadores dos festejos religiosos que homenageava Santa Maria na Comunidade do Ajó.

Segundo seu Bilha, eles estes festejos contavam com o empenho de todos moradores da comunidade e era esperado por moradores que residiam nas comunidades aos redores.

*A gente começava prepara a festa nas véspera do dia 20 de janeiro, dia da festa de Santa Maria, aqui do Ajó, todo mundo trabalhava, o pai a mãe o filho e as filhas, até os meninos maiorzinhos ajudavam, só ficava de fora os mais “zinhos”. Era uma trabalhadeira que dava gosto de participar, eu ainda moleque, mas virava noite pra prepara tudo o que era pra fazer. Mas você nem pense que era uma animação demais boa, aquele povo tudo trabalhando numa alegria, numa cantoria e muita risada com os “causos” que era contado, papai então era o primeiro a puxar as historias de “visagem” que tinha lá. Matava o porco logo de madrugada pra mulheres tratarem de cozinhar. Os mais novos cuidavam dos enfeites da capelinha, que era lá em casa. Tudo muito bonito. (Fala do Sr. ALBERTINO CRUZ VALENTE, 56 anos, 30/03/2018).*

Os festejos iniciam-se desde o dia que antecede o dia destinado ao culto a divindade, as organizações contam com o empenho de todos da comunidade para o trabalho, na véspera, de preparo de comidas, o tradicional abatimento do porco, pois é isto que ser servido aos participantes, ornamentação da capela, onde serão realizados as rezas, afim de que fique tudo pronto par o dia marcado para o festejo, que atualmente é realizado no dia 20 de janeiro.

Desta forma, as novenas religiosas, que antecedem o grande dia religioso, são iniciadas 10 dias antes com rezas em domicílios dos chamados “mordomos”, são devotos que se dispõem para um dia de patrocínio nas novenas para pagamento de promessas que já obtiveram a graça alcançada, estes oferecem sua casas e alimentos na noite das novenas para os presentes.

Dona Rita relata suas lembranças das novenas que eram iniciadas dias antes do festejo:

*Tudo era o que começava com as novenas, em casa era o primeiro dia, onde estava a capelinha da santa, porque lá ainda não tinha a casa da comunidade pra colocar ela. Era só ladainha que o puxador puxava e a gente respondia, não tinha essas rezas que tem agora, eram todos analfabetos e não sabia ler então era tirado da cabeça dele pra fazer as cantorias. As casas que tinham as novenas eram que davam o mingau daquela noite, as vezes davam bolo, nas casas que tinham feito as promessas de dar o bolo, aí era uma alegria, principalmente a criançada. Tudo isso era uma grande festa pra nos lá que esperávamos o ano todo. (Fala de RITA DA CRUZ VALENTE, 75 anos, em 30/03/2018).*

Quando terminam estes 10 dias de novenas, todos se reúnem para o preparo dos festejo religioso do dia seguinte. Esta reunião para os preparos não deixa de ser também um festejo, pois todos os membros da comunidade se juntam para a organização e divisão dos afazeres e assim começam as comemorações, que é uma grande confraternização para os moradores desta comunidade.

Na Comunidade do Ajó a festa dedicada a Santa Maria assume a elevação de festejo religioso, porém a partir da historias orais de moradores e devotos que moram na comunidade, percebemos que vai além disso, é um momento em que todos reúnem-se para comemorar e divertir-se em conjunto. Estes festejos de cunho religioso nem a ser um evento de celebração do coletivo.

Segundo Wagner e Makell (2003) os símbolos de grande representatividade para um povo, principalmente quando esta simbologia representa algo relacionado às divindades religiosas “a cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos” (WAGNER e MAKELL, 2003, p. 28), ou seja, o maior relacionamento entre os moradores de uma comunidade é quando se juntam para cultuar um santo de sua devoção, com isto a comunicação é assim realizada de uma só forma, pois todos tem um só objetivo naquele momento, a sua devoção religiosa.

A comunicação religiosa da Comunidade do Ajó dar-se por meio da devoção ao símbolo religioso, representado pela divindade de Santa Maria, que recebe homenagens dos devotos da comunidade estudada, além de moradores de localidades próximas, como Vacaria, Merajuba, Castanhal e Tapera, as pessoas que vêm participar dos festejos a fim de cultuar o santo e agradecer por uma graça alcançada e compartilhar das comemorações com grande alegria.

Imagem de Santa Maria que se encontra na residência de Dona Maria, filha do Sr. Atanásio Valente.



Fonte: Registro de Albertino Cruz Valente Filho, em 15/04/2018.

Pra nos falar mais sobre os festejos seu Bilha, conta que pessoas de povoados vinha preparados para ficar nos dias e acompanhar as comemorações alojando-se em casas cedidas pelos moradores, que já se preparavam pra estes visitantes.

*Meu filho, é uma festa tão bonita mais tão bonita que antes as pessoas vinham lá Vacaria, do Merajuba, de Castanhal e até lá de Tapera pra festa, era longe ai eles vinha pra passar os 10 dias da festa, todos com bagagens e ficavam nas casas de conhecidos, tinha casa que ficava lotada de gente. Agora não eles já têm veículo, e vem e volta no mesmo dia da festa, ficou mais fácil pra eles. Ate pra organizar os preparativos já tem uma equipe de organização que já deixa tudo prontinho pra todos. As ladainhas, que era entoada por 04 homens, aqui da comunidade mesmo, que era uma coisa tão bonita de se apreciar, o único instrumento que tinha ara o tambor, mas olha que eram eles 04 que faziam a cantoria das novenas, se um faltasse, se tivesse doente ou outro coisa acontecido, não tinha nada de novena e ficava pro outro dia. Agora é só as rezas e cantos com instrumento de musica, ficou mais organizado, mas dá saudade dos tempos antigos. (Fala do Sr. ALBERTINO CRUZ VALENTE, 56 anos, 30/03/2018).*

O festejo religioso realizado na Comunidade do Ajó no início de sua formação, destinado a culto religioso, tinha a forma de orações com ladainhas, que eram entoados por homens, o número de 04 homens, onde um designado a “cantador” puxava o canto e os outros três repetiam em coro a ladainha. Esta cantoria acontecia em todas as noites da novena, atualmente não são mais realizadas estas ladainhas, pois já houve adequações no modo de realização das novenas, estas hoje em dia são com orações faladas.

As comemorações realizadas, posteriormente, a reunião religiosa que é dedignada a divindade com orações presidida pelo membro eclesiástico, pode vir a parecer uma festa profana, porém o caráter religioso que abarca os festejos desta comunidade e envolvem todos os moradores deste local com a simbologia religiosa que envolve todos os dias deste festejo religioso. Trazendo para o povo da localidade alegria e dever de ter cultuado mais uma vez seus santo de devoção.

Liderança religiosa mais antiga da comunidade presente até os dias atuais.



Fonte: Registro de Albertino Cruz Valente Filho, em 15/04/2018.

Ao término dos festejos religiosos de Santa Maria padroeira da Comunidade do Ajó, fica o sentimento de ter pagado as promessas feitas e seus devotos têm a certeza que seus pedidos são atendidos perante o sacrifício de organização desta festa religiosa, pois na véspera e no dia escolhido para a realização do festejo eles dedicam-se totalmente a organização e realização do evento. Ficando no aguardo de 12 meses para o próximo dia de comemoração.

Portanto, a comunidade religiosa, juntamente com a “comunidade Povo”, presente na localidade chamada de Comunidade do Ajó apresenta uma religiosidade muito intensa, onde desde a sua formação até os dias atuais mantém a devoção aos santos de sua veneração. Mesmo com as mudanças de culto religioso ao longo de sua trajetória a Comunidade do Ajó mostra que a maior vertente de sua estrutura está no movimento religioso que seus membros trazem como herança dos precursores da formação desta comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que realizamos para compor este estudo foram contribuídas por pesquisas bibliográficas em obtivemos embasamento de grande importância para a compreensão sobre a religiosidade que envolve os moradores da Comunidade do Ajó, assim como também dados que nos levaram a reconhecer os momentos de sua formação.

Desde que adentramos a comunidade pra coletar informações sobre a pesquisa, no deparamos com uma importante temática proposta no Capítulo II, que é as histórias orais que vem das lembranças que os moradores guardam em sua memória, esta historias nos apresentaram momentos que mostram que as principais fontes de conhecimentos acerca de um fato está na memória de um povo.

Da mesma forma, que encontramos a importância dos relatos orais, também podemos ter acessos à cultura deste povo nesta comunidade que foi o eixo do desenvolvimento deste estudo, a sua formação nos trouxe o conhecimento de como era sua cultura e religiosidade até os dias atuais. A religiosidade que foi agregada aos catolicismos com a presença dos membros eclesiástico, transformou-se, porém não perdi seus traços primários, que eram compostos pela cultura africana. Esta fusão nos direcionou ao reconhecimento do sincretismo presente na cultura desta comunidade.

Para que pudéssemos apontar o a comunidade, procuramos em fontes literárias o seu conceito, e nos deparamos com o direcionamento que comunidade é um conjunto de aglomerados em que seus membro estão organizados em convivência, onde o trabalho beneficia a todos. Foi isto que encontramos na Comunidade do Ajó, em seus festejos religiosos, os fiéis se juntam para que o festejo seja benéfico a todos, e nestes festejos sua devoção está colocada em seus afazeres antes e durante a realização das festas, com cultos, celebrações e festa religiosa devotado a Santa Maria, divindade de sua devoção.

## **FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA**

### **a) FONTES ORAIS:**

- Albertino Cruz Valente, 56 anos.
- Ivo Marques da Cruz, 72 anos.
- Maria de Jesus Ferreira Valente, 53 anos.
- Rita da Cruz Valente, 75 anos.

### **b) FONTE ESCRITA:**

Escrito de reunião de próprio punho do Senhor Atanásio.

### **c) FONTE IMAGÉTICA:**

Imagens fotográficas feitas por Albertino Cruz Valente Filho, em 15/04/2018;

Imagens fotográficas dos acervos familiares de Maria de Jesus Ferreira Valente.

## BIBLIOGRAFIA

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2014.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BASTOS, A. P. V. B.; ALMEIDA, O.; CASTRO, E. R. C.; MARIN, A. M.; PIMENTEL, M. S.; RIVERO, S.; SILVA, I. C.; FRANZ, I. T.; BRÜZEKE, J. **Economia e sociedade na Região do Tocantins, Pará**. Paper do NAEA, Belém, n. 259, 32 p., mar. 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1987 [1973]

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

Censo Populacional 2017. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1 de julho de 2017. Consultado em 30 de agosto de 2017

CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Tradução de L. F. Pimenta; M. C. A. Pimenta.

DURHAM, Eunice R. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FICHTER, J. H. Definições para uso didático in: Fernandes, Florestan. **Comunidade e Sociedade: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. SP, Ed Nacional, EDUSP, 1973. Florianópolis: UFSC, 1999.

FUNES, Prof. Dr. Eurípedes Antônio. **Apuí e São José**. Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. São Paulo, agosto de 1999.

FUNES, Eurípedes. **Bom Jardim, Murumurutuba, Murumuru, Tinigú, Ituqui, Saracura, Arapemã. Terras de Afro-amazonidas: “Nós somos a reserva, somos filhos deles”**. Comissão Pro-indio. São Paulo, Agosto de 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

ITANI, Alice. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NOGUEIRA, A. C. N.; FURTADO, D. C., SIMÕES, A.; FIGUEIREDO, D. S.; PEREIRA, J. A. G.; PEREIRA, E. C. S. **Diagnóstico da comunidade de agricultores familiares de Ajó, Cametá-Pará**. Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável (RBAS), v.1, n.1, Julho, 2011.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **“Religiões Populares”**. In Oscar Beozzo (org). Curso de Verão II. São Paulo, paulinas, 1988, p 107-123.

PASSOS, Mauro. **O catolicismo popular, In: PASSOS, Mauro (Org.) A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. Memória, oralidade, danças e rituais em um povoado amazônico / Benedita Celeste de Moraes Pinto – Cametá: 2007.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**. In: Civitas, Revista de Ciências Sociais, vol. 3, nº. 1, p. 15-34, Porto Alegre, PUC-RS, junho de 2003.

REESINK, Edwin. Substantial Identities in Rural Black Communities in Brazil: a short Appraisal of Some Community Studies: Conference in Manchester, Manchester, 1999.

SANSONE, Lívio. **Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. Centro de Estudos Afro-Asiáticos**. Universidade Candido Mendes, p. 249-269, 2002.

SILVA, Eva Aparecida da. **Ser remanescente de quilombo em comunidades do Vale do Mucuri: reflexões preliminares de pesquisa**. In: Revista Identidade, vol. 15, nº 1. São Leopoldo: Faculdades EST, janeiro a junho de 2010. Disponível em:  
<<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/21/36>>.  
Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

SILVA, Joseane Maia Santos. **Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias. Revista Palmares - Cultura Afro-brasileira**. A FCP chega aos 21 anos – Tempo de cidadania e diversidade. Ano V, n. 5, ago. 2009.

SILVA, Marcelo Kunrath. **Uma Introdução à História Oral**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 115-141, 1999.

TAVARES, Thiago Rodrigues. **A religião vivida: expressões populares de religiosidade**. *Sacrilogens*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 35-47, jul./dez. 2013.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L. & ROZENDAL, Z. (Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 27-61.

ZALUAR, Alba. **“Promessas e Milagres dos Santos”**. In: Os homens de deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.